



O Brasil está entre os vinte países com maior área de montanhas do mundo (Kapos, 2000). Estas regiões, além de serem espaços de interesses de diferentes grupos humanos, caracterizadas como a “caixa água” do Planeta, são grandes reservas minerais da natureza, objeto de disputas do Capital.

Um desses espaços montanhosos do Brasil é a região norte da Chapada Diamantina, parte de um conjunto de montanhas conhecido como Serra do Espinhaço, nome atribuído pelo geólogo alemão Wilhelm Ludwig Von Eschwege no Século XIX. Localizado no Planalto Atlântico, corta vários estados brasileiros, entre os quais, a Bahia e Minas Gerais. Essa espinha mineral, é a única cordilheira do Brasil e abriga grandes veias de drenagem de rios importantes como o São Francisco, Doce, Jequitinhonha, Itapicuru, entre outros. O **MOVIMENTO SALVE AS SERRAS (SAS)** grita para que esses espaços sejam preservados!

Trata-se de uma região que, antes das incursões coloniais do Século XVI, era habitada por diferentes povos indígenas, entre os quais os Paiaíá (Maracá). Com a chegada dos bandeirantes, aventureiros, Judeus, Cristãos-novos e os Senhores de Engenhos, toda a paisagem foi drasticamente modificada.

A ambição por riquezas minerais marcou a chegada dessas levas humanas exploradoras. As consequentes ocupações humanas de alguns locais da Chapada, sobretudo a partir da segunda metade do Século XVI, com o sistema de sesmarias, fez surgir arraiais e povoações que giravam em torno das minas. Este fenômeno fez com que o Brasil, entre 1690 e 1770, se tornasse o maior fornecedor de ouro e diamante do mundo e, de 1705 a 1750, mais de 20.000 pessoas deixaram anualmente Portugal em busca do Brasil (Bandeira, 2014). Toda a região da Chapada Diamantina foi impactada por diferentes ações humanas, sobretudo, pela extração de minérios, intensificada no transcurso do Século XVII.

É nesse cenário que situamos as feridas causadas pelas mineradoras na Chapada Diamantina, destacando a destruição de uma de suas principais bacias hidrográficas, a do rio Itapicuru, uma

das “costelas” dessa bela “Serra do Espinhaço”. No nosso caso específico, também está em curso a destruição de um importante afluente da Bacia do Rio São Francisco – o Rio Estiva.

Vale mencionar que estamos num cinturão de grandes mineradoras. Temos a Caraíba Metais com a extração de cobe em Jaguarari, a Ferbasa¹ que atua na extração de cromita em Andorinha e Campo Formoso², a Yamana Gold em Jacobina, grande exploradora de ouro, só para citarmos algumas. Por si só, esse aglomerado de grandes mineradoras, nessa pequena região da Chapada, já caracteriza este espaço como área de grandes impactos socioambientais causados por esta constelação de mineradoras. Somos um corpo em chagas, adoecidos pelas grandes feridas escavadas no corpo da Terra.

“Aqui nascem as águas³”. A Serra dos Morgados de Cima, hoje, Serra da Berinjela, é o local onde estão situadas importantes nascentes do Rio Itapicuru e do Rio São Francisco. Seo Pedro, morador da Serra de Cima, faz um relato que mostra a situação das águas nessa região: **“vou começar daqui do Quererá, uma; Caiçara, duas; Olheiro, já vai três; Caititu, quatro; tinha a Lagoa, cinco; tinha o Junco, seis; tinha a Olaria, sete; aqui o Olho D’água (Amarelo), oito; outro Olho D’água aqui atrás da Serra que a água é vermelha também, nove; e hoje só o Olho D’água Amarelo tá vivo. O Caititu nunca tinha secado, as mulheres lavavam roupa lá. Tinha dia de ter dez, doze mulheres lavando roupa lá. Aí, veja! o Rio Estiva começava aqui nessa travessa do Popó. Aqui descia água direto desse Brejo do Popó, caí na Cachoeira da Serra, forte, saia na Baixa e ia sair na Juacema. Dá pra acreditar que tudo isso tá seco?!”**

Como mostram as narrativas dos moradores e moradoras desse lugar lindo da Caatinga, do Semiárido nordestino, ao longo dos anos, as Serras daqui vêm sofrendo agressões de várias formas. antes desmatadas para servir como local de plantação de cana e de outras culturas, como pasto para gado, foi daqui que saíram milhares de mourões (troncos grossos de árvores) para instalação das linhas férreas. Mas a devastação não parou por aí. As perfurações de poços irregulares mataram quase a totalidade das nascentes e rios dessa localidade que, hoje, vive momentos recorrentes de falta d’água. É um contrassenso, mas a região que produz água para várias comunidades do Semiárido, passa sede.

Se não bastasse os recorrentes ataques contra a natureza dessa comunidade, mais recentemente, a região é vítima da estranha implantação de mineradoras. Outro fantasma que passou a

¹ Companhia de Ferro Ligas da Bahia.

² Cidade conhecida pela intensa extração de calcário para fabricação de cimento e de esmeraldas.

³ Fala de Zé Bléo, homenageado na capa.

dessossegar os moradores e moradoras locais é a notícia da instalação de parques eólicos e linhas de transmissão nessa bela paisagem, nesse singular corredor de ventos, caminhos das neblinas sagradas, como dizem. Não temos notícias de que tais empreendimentos tenha realizado consultas públicas e não conhecimentos seus estudos de impactos ambientais. Literalmente, à revelia da lei, está “passando a boiada”.

Assim torna-se urgente fortalecer a Rede de Associações de Moradores Locais das Comunidades Serranas das áreas atingidas por mineradoras, parques eólicos, poços artesianos e linhas de transmissão na porção norte das Serras da Jacobina. Nossa intenção é dar melhor organização e divulgar o Movimento “Salve as Serras” que nasceu com as primeiras ações junto ao Ministério Público para proteger as Serras das regiões onde foram realizadas as Cartografias Sociais das Comunidades, particularmente nos municípios de Jaguarari, Campo Formoso e Senhor do Bonfim.

À lógica do movimento da **Biorregionalidade**, idealizado pelo Teólogo Leonardo Boff, e do movimento socioambiental **Ecologia sem Transição** que nasceu na Europa, ambos destaca a importância das lutas ecológicas para a implantação das biodemocracias no mundo, o nosso Movimento Salve as Serras, defende a luta para que esses espaços, ninhos das nossas nascentes, sejam preservados e soma-se a muitos movimentos que lutam pela proteção das Serras da Jacobina à décadas.

Queremos contar com sua participação nessa nossa luta! Salve as Serras!!!!



El Brasil se encuentra entre los veinte países con mayor área montañosa del mundo (KAPOS, 2000). Estas regiones, además de ser espacios de interés para diferentes grupos humanos, caracterizados como la “caja de agua” del Planeta, son grandes reservas minerales de la naturaleza, objeto de disputas del Capital.

Uno de estos espacios montañosos de Brasil es la región norteña de Chapada Diamantina, parte de una cadena montañosa conocida como Serra do Espinhaço, nombre dado por el geólogo alemán Wilhelm Ludwig Von Eschwege en el siglo XIX. Ubicado en la meseta atlántica, atraviesa varios estados brasileños, incluidos Bahía y Minas Gerais. Esta espina mineral, es la única cordillera de Brasil y alberga grandes vetas de drenaje de importantes ríos como São Francisco, Doce, Jequitinhonha, Itapicuru, entre otros. ¡**EL MOVIMIENTO “SALVE LAS SIERRAS (SAS)”**, clama para que estos espacios sean preservados!

Se trata de una región que, antes de las incursiones coloniales del siglo XVI, era habitada por diferentes pueblos indígenas, entre ellos los Paiaíá (Maracá). Con la llegada de los bandeirantes, aventureros, Señores de Ingenios, entre otros, todo el paisaje fue modificado drásticamente.

La ambición por las riquezas minerales marcó la llegada de estas ondas humanas exploratorias. Las consecuentes ocupaciones de algunos lugares de la Chapada, especialmente a partir de la segunda mitad del siglo XVI, con el sistema de sesmarias, dieron lugar a campamentos y asentamientos que giraban en torno a las minas. Este fenómeno ha hecho que el Brasil, entre 1690 y 1770, se tornara como el mayor proveedor de oro y diamantes del mundo y, de 1705 a 1750, más de 20.000 personas abandonaron anualmente Portugal en busca de riqueza en Brasil (BANDEIRA, 2014). Toda la región de Chapada Diamantina fue impactada por diferentes acciones humanas, especialmente por la extracción de minerales, intensificada durante el siglo XVII. Actualmente, codiciada casi en su totalidad por las pequeñas, medianas y grandes corporaciones económicas, estamos a punto de ver la materialización de su total destrucción. A pesar de lo que vivimos en esta pandemia, observamos, ¡no hay límites para la ambición humana!

Es en este escenario que ubicamos las heridas causadas por las empresas mineras en Chapada Diamantina, destacando la destrucción de una de sus principales cuencas hidrográficas, la del río Itapicuru, una de las “costillas” de esta hermosa “Serra do Espinhaço”. En nuestro caso específico, también está en marcha la destrucción de un importante afluente de la cuenca del río São Francisco - el río Estiva.

Cabe mencionar que estamos en un cinturón de grandes empresas mineras. Tenemos Caraíba Metais con extracción de cobre en Jaguarari, Ferbasa⁴ que opera en la extracción de cromita en Andorinha y Campo Formoso⁵, Yamana Gold en Jacobina, una gran minera de oro, solo por citar algunas. Por sí solo, este conglomerado de grandes empresas mineras, en esta pequeña región de la Chapada, ya caracteriza este espacio como área de grandes impactos socioambientales provocados por esta constelación de empresas mineras. Somos un cuerpo en llagas, enfermo por las grandes heridas excavadas en el cuerpo de la Tierra que nunca cicatrizarán.

"Aquí nacen las aguas⁶". La Sierra de los Morgados de Cima, hoy Sierra de la Berinjela, es el lugar donde están situadas importantes nacientes del río Itapicuru y del río São Francisco. Seo Pedro, habitante de la Sierra de Cima, realiza un informe que muestra la situación de las aguas en esta región: "Voy a comenzar de aquí desde Quererá, uno; Caiçara, dos; Observador, ya son las tres; Caititu, cuatro; tenía Laguna, cinco; tenía Junco, seis; tenía olería, siete; aquí el Olho D'água (Amarillo), ocho; otro Olho D'água aquí detrás de la Sierra que el agua también es roja, nueve; y hoy solo el Ojo de Agua Amarillo está vivo. El Caititu nunca se había secado, las mujeres lavaban la ropa allí. Había días em que tenía diez, doce mujeres lavando ropa allí. ¡Ahí, mira! Rio Estiva empezaba aquí en esta espacio del Popó. Aquí el agua bajaba directamente de este Brejo do Popó, caía en salto de la Sierra, fuerte, salía en la planicie y salía en Juacema. ¿Puede creer que todo esto está seco? "

Como muestran los relatos de los habitantes de este hermoso lugar de la Caatinga, del Semiárido nordestino, a lo largo de los años, las montañas aquí han sufrido agresiones de diversas formas. Anteriormente deforestado para servir como lugar para la plantación de caña de azúcar y otros cultivos, como pasto de ganado, de aquí partieron millares de postes (troncos gruesos de árboles) para la instalación de vías férreas. Pero la devastación no se detuvo ahí. La perforación de pozos irregulares ha matado a casi todas las nacientes y ríos de esta localidad que, hoy, vive momentos

⁴ Companhia de Ferro Ligas da Bahia.

⁵ Cidade conhecida pela intensa extração de calcário para fabricação de cimento e de esmeraldas.

⁶Fala de Zé Bléo, homenageado na capa.

recurrentes de falta de agua. Es un contrasentido, pero la región que produce agua para varias comunidades del Semiárido, tiene sed.

Como si no fueran suficientes los recurrentes ataques contra la naturaleza de esta comunidad, más recientemente la región es víctima de la extraña implantación de empresas mineras. Otro fantasma que empezó a inquietar a los pobladores y pobladoras locales es la noticia de la instalación de parques eólicos y líneas de transmisión en este bello paisaje, en este singular corredor de vientos, senderos de las neblinas sagradas, como dicen. No tenemos noticias de que tales emprendimientos hayan realizado consultas públicas y desconocemos sus estudios sobre impactos ambientales. Literalmente, existe reveldía ante la ley, está "pasando las vacas".

Por ello, es urgente fortalecer la Red de Asociaciones de Pobladores Locales de las comunidades de la Serranías en las áreas afectadas por empresas mineras, parques eólicos, pozos artesianos y líneas de transmisión en la porción norte de la Sierra Jacobina. Nuestra intención es dar una mejor organicidad y dar a conocer el Movimiento "Salve las Sierras" que nació con las primeras acciones con el Ministerio Público para proteger la Sierra de las regiones donde fueron realizadas las Cartografías Sociales de Comunidades, particularmente en los municipios de Jaguarari, Campo Formoso y Senhor do Bonfim.

Inspirados en la lógica del movimiento de **Biorregionalidad**, idealizado por el teólogo Leonardo Boff, y del movimiento socioambiental **Ecología sin Transición** que nació en Europa, ambos destacan la importancia de las luchas ecológicas para la implantación de las **Biodemocracias** en el mundo, nuestro Movimiento "**Salve las Sierras**", defiende la lucha por estos espacios, nidos de nuestras nacientes, sean preservados y se une a muchos movimientos que llevan décadas luchando por la protección de la Sierra da Jacobina, como es la movilización por la creación de la **APA Nacientes del Itapicuru** que, hoy, está en manos de la Secretaría de Medio Ambiente del Estado de Bahía.

Queremos contar con su participación en esta nuestra lucha **!Salve las Sierras!!!!**



Brazil is among the twenty countries with the largest mountain area in the world (Kapos, 2000). These regions, spite of being spaces of interest for different human groups, they are characterized as the “water box” of the Planet, they are large mineral reserves of nature, object of capital disputes.

One of these mountainous spaces in Brazil is the northern region of Chapada Diamantina, part of a mountain range that’s known as Serra do Espinhaço, a name given by the German geologist Wilhelm Ludwig Von Eschwege in the 19th century. It’s located in the Atlantic Plateau, and it goes through several Brazilian states, including Bahia and Minas Gerais. This mineral spine is the only mountain range in Brazil, and it houses great drainage veins of important rivers, such as the São Francisco, Doce, Jequitinhonha, Itapicuru, among others. The SAVE THE MOUNTAINS (SAS) MOVEMENT (SALVE AS SERRAS) screams for these spaces to be preserved!

It is a region that, before of the colonial incursions in the 16th century, was inhabited by different indigenous peoples, including the Paiaia (Maracá). With the arrival of the pioneers, adventurers, Jews, New Christians and the sugar mill owners, the entire landscape was drastically changed.

The ambition for mineral wealth marked the arrival of these exploratory human waves. The consequent human occupations of some places in Chapada, especially from the second half of the 16th century, with the sesmarias system, gave rise to camps and settlements that revolved around the mines. This phenomenon made Brazil, around 1690 and 1770, the largest supplier of gold and diamonds in the world and, from 1705 to 1750, more than 20,000 people left Portugal annually in search of Brazil (Bandeira, 2014). The entire Chapada Diamantina region was impacted by different human actions, especially by the extraction of ores, which it was even intensified during the 17th century.

It is in this scenario that we find ourselves right now, the wounds caused by the mining companies in Chapada Diamantina, highlighting the destruction of one of its main hydrographic basins, the

Itapicuru River, one of the “ribs” of this beautiful “Serra do Espinhaço (Espinhaço Mountain)”. In our specific case, the destruction of an important tributary of the São Francisco River Basin is also underway - the Rio Estiva.

It is worth mentioning that we are in a belt of large mining companies. We have Caraíba Metais with the extraction of cob in Jaguarari, Ferbasa which operates in the extraction of chromite in Andorinha and Campo Formoso, Yamana Gold in Jacobina, a great gold explorer. These examples are just a few of them. By itself, this cluster of large mining companies in this small region of Chapada, already characterizes this space as an area of major socio-environmental impacts. We are a body in wounds, sickened by the great wounds excavated in the Earth's body.

"Here the waters are born" ". The Serra dos Morgados de Cima, today, Serra da Berinjela, is the place where important springs of the Itapicuru River and the São Francisco River are located. Mr. Pedro who is a resident of Serra de Cima, did a report that shows the situation of the waters in this region: “I will start here from Quererá, one; Caiçara, two; Scout, it's already three; Caititu, four; there was Lagoa, five; there was Junco, six; there was Pottery, seven; here the Olho D'água (Yellow), eight; another Olho D'água here behind the Serra that the water is also red, nine; and today only the Yellow Water Eye is alive. The Caititu for example had never dried up, women used to do the laundry there. Some days there were ten women, twelve women who were doing laundry there. There, look! Rio Estiva started here on this street in Popó. Here, water flowed down from this Brejo do Popó, goes to Cachoeira da Serra, then to Baixa and finally it goes to Juacema. Can you believe all of them dried up ?! ”

As the narratives of the residents of this beautiful place in the Caatinga show, in the Northeastern Semi-arid region, over the years, the mountains have suffered aggression in many ways. Before, they were deforested in order to be used as plantation for sugarcane and other crops, such as cattle pasture, it was from here that thousands of fence posts (thick tree trunks) left to install the railway lines. But the devastation did not stop there. The drilling of irregular wells has killed almost all of the springs and rivers in this location, which today it's experiencing recurring moments of lack of water. It's illogical, the region that produces water for several communities in the Semiarid region, it's now thirsty.

As the recurring attacks against the nature of this community were not enough, recently, the region has been a victim of the strange implantation of mining companies. Also, Another ghost that has started to dissolve the local residents, it is the news of the wind farms installation and

transmission lines in this beautiful landscape, in this singular corridor of winds, paths of the sacred mist, as the residents say. We have no news that such companies have carried out public consultations and no news about their analyses of the environmental impacts. Literally, in spite of the law, these companies are “Passing the cattle”.

Thus, it is urgent to strengthen the Network of Local Residents' Associations of Mountainous Communities in the areas affected by mining companies, wind farms, artesian wells and transmission lines in the northern portion of the Jacobina Mountains. Our intention is to give better organicity and publicize the Movement “Salve as Serras (Save the Mountains)” that was born in partnership with the Public Ministry to protect the Mountains of the regions, where the Social Cartographies of Communities were carried out, particularly in the cities of Jaguarari, Campo Formoso and Senhor do Bonfim.

Trough the logic of the Bioregionality movement, idealized by Theologian Leonardo Boff, and the socioenvironmental movement Ecology without Transition that was born in Europe, both of them highlight the importance of ecological struggles for the implantation of the bio-democracies in the world, Our “Salve as Serras (Save the Mountains)” Movement defends the struggle for these spaces, our water springs, in order to preserve them and also join other movements that have fought for the protection of the Mountain of Jacobina (Serra da Jacobina) for decades.

We would be very honored to count on your participation in this important fight. Save the mountains!